

## Seu Bolso

### Aluguel em URV confunde mercado

Apesar da expectativa criada por proprietários e inquilinos, a criação da URV não aumentou a oferta de imóveis para alugar. E, o que é pior, os preços ainda subiram de 20% a 30%, segundo cálculos realizados pela Associação Brasileira das Administradoras de Imóveis (Abadi). A confusão nos preços é tão grande que, no Leblon, o aluguel de um apartamento de sala e dois quartos pode variar de 600 a 1.500 URVs.

**Serviços bancários** — Os correntistas estão pagando mais pelos serviços bancários, cujos preços vêm subindo bem acima da inflação. De janeiro a abril alguns serviços, como a cobrança por devolução de cheque, aumentaram 335%, contra uma inflação acumulada de 184% no período.

### Vizinhos especiais

Vizinhos de artistas sabem histórias que nem a mais fanática das tietes sonha conhecer. Exemplos: Tim Maia passa as madrugadas ouvindo seus próprios discos e Xuxa tem armário com 75 portas.

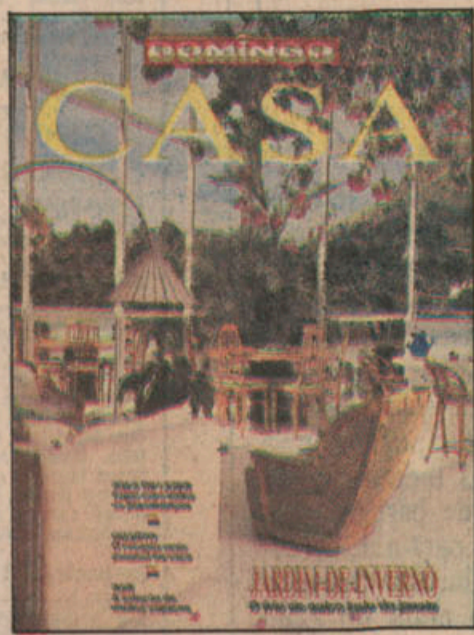
### Centésimo ano

Parece que tudo faz 100 anos em 1994. Além dos bairros do Leme e de Ipanema, há um século surgiam, entre outras coisas, o futebol brasileiro, o automobilismo, a Broadway e o projetor de cinema.

### O frio na estação

No cenário com *clima* bem europeu de uma estação de trem — a Barão de Mauá, na Leopoldina —, uma mostra das roupas femininas que ganham as vitrines nas coleções de inverno.

## COM ESTA EDIÇÃO CIRCULAM DUAS REVISTAS



### Jardim-de-inverno

O frio não pede varandas ou sacadas. E sim jardins-de-inverno. E isso é apenas uma questão de decoração. O mesmo canto da casa onde se passa o verão pode ser adaptado para a nova estação.

### Parede a menos

Derrubar uma parede das dependências de empregados domésticos (que hoje dificilmente dormem no serviço) tem sido a solução encontrada por arquitetos para criar cozinhas mais funcionais.

### As salas de lazer

Para a sala, a pedida é transformá-la numa espécie de *home theatre*, com espaço para o som, videocassete e uma imensa TV — para ver a Copa do Mundo. Difícil vai ser sair para a rua.

# PM vê Rio refém do crime organizado

80 anos de DORIVAL CAYMMI

**Dorival Caymmi, um dos maiores nomes da música popular brasileira, completa 80 anos esta semana. Numa edição inteiramente dedicada à data (30 de abril), o Caderno B refaz toda a trajetória de Caymmi, desde o seu nascimento, na Rua do Bângala, em Salvador, até o dia-a-dia caseiro em Copacabana, bairro onde mora hoje com a mulher Stella. Os três filhos — Nana, Dori e Danilo, todos herdeiros de seu talento — revelam como foi a formação musical da dinastia Caymmi. Numa das mais completas entrevistas concedidas em toda a sua carreira, o baiano responde a perguntas de admiradores como Tom Jobim e João Ubaldo Ribeiro. Caymmi se emocionou também num encontro com Caetano Veloso e Gilberto Gil.**



Dorival Caymmi, seu violão e o mar, uma parceria de 80 anos que o Brasil reverencia

Para o secretário de Polícia Militar, coronel Nazareth Cerqueira, o Rio não se preparou para combater o crime organizado, e, hoje, adota uma estratégia errada para deter a violência. "O Exército fracassaria numa subida ao morro", diz. Ele lamenta o descaso com a estrutura montada pelos criminosos para simular transferência nos seus negócios ilícitos, que sustenta a criminalidade. "Perdemos uma chance rara de reunir provas", queixa-se, a propósito do estouro da fortaleza de Castor. Cerqueira acha que transformaram um caso policial em caso político. (Página 13)

## Flores alerta os presidenciais contra 'grampos'

O ministro Mário César Flores, da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), confirmou as denúncias de *grampo* nos telefones de políticos e recomendou cuidado aos candidatos à Presidência. A qualquer suspeita, aconselhou, os presidenciais devem procurar a polícia. (Página 2)

## Equipe recebe pressões para antecipar real

A demora na definição do prazo do real está causando pressões políticas sobre a equipe econômica. Os governistas querem resultados imediatos no combate à inflação e os partidos de oposição acusam o governo de adiar a implantação da nova moeda para tirar proveito político da queda do custo de vida às vésperas das eleições. Esta semana serão definidas as regras para conversão das aplicações financeiras em Unidade Real de Valor. (Páginas 19 e 20)

Artur Xexéo  
Caymmi carrega a Bahia por onde anda  
Caderno B, pág. 14

## Simonsen e Conceição saem da academia

Os dois mais influentes professores de Economia do país estão se afastando da rotina diária da academia. Maria da Conceição Tavares e Mário Henrique Simonsen já fizeram os seus sucessores e prepararam-se para outros vãos. Ela se aposentou na UFRJ e ele passou o comando da Escola de Pós-Graduação em Economia da FGV. Os dois, com estilos bem diferentes, têm em comum — além do interesse pelo ensino — a defesa apaixonada de suas idéias. (Página 21)

## Matadores de aluguel têm até tabela de preços

Fato raro no Brasil, um pistoleiro será julgado na quinta-feira: o ex-PM José Matoso Ubirajara responderá pelo assassinato de José e Paulo Canuto, líderes de trabalhadores rurais de Rio Maria (PA). Ubirajara integra o *sindicato dos matadores*, responsável, de 1964 a 1990, por 1.630 atentados no Bico do Papagaio, segundo a CPI da Pistolagem. Em Imperatriz (MA) há até uma agência de crimes de aluguel, que paga CR\$ 30 milhões pela morte de um prefeito. (Pág. 14)

## Jovem da Barra não conhece o Rio onde vive

Ônibus lotados de adolescentes nascidos e criados nos grandes condomínios da Barra da Tijuca saem do Barra-mares ou do Colégio Anglo-Americano para uma aventura inusitada: mostrar a emoção da travessia da Ponte Rio-Niterói, a arquitetura de Copacabana e até a perigosa Avenida Brasil. "Os condomínios são um Rio à parte dentro de um Rio diferente, que é a Barra da Tijuca", explica a síndica Cristina Kraupp, autora da idéia. (Página 24)

## Tancredo era contra eleições diretas em 84

Dez anos depois da derrota da Emenda Dante de Oliveira na Câmara, políticos e militares revelam que, ainda na campanha das *diretas já*, Tancredo Neves articulava contra o movimento. Tancredo, que se elegeria presidente no Colégio Eleitoral e morreria sem tomar posse, temia a derrota do PMDB nas urnas. (Página 3)

## Flamengo joga para impedir o tri do Vasco

Flamengo e Vasco disputam esta tarde (17h), no Maracanã, um jogo decisivo para o Campeonato Estadual. Se o rubro-negro está em ascensão, animando seus torcedores, que prometem, mais uma vez, lotar o estádio, o time vascaíno, que luta pelo tricampeonato, precisa, antes de mais nada, superar o trauma da morte de Dener. (Página 32)



O atacante Sávio é o novo ídolo da torcida do Flamengo

**TEMPO**

No Rio e em Niterói, céu parcialmente nublado com períodos de claro. Possibilidade de pancadas de chuva e trovoadas isoladas. Temperatura estável. Máxima registrada no Maracanã e mínima no Alto da Boa Vista. Mar calmo, com visibilidade moderada.

MÁX. 33° MIN. 20°

Fotos do satélite e mapas do tempo, página 27.

**ÍNDICE**

Coluna do Castello ..... 2  
Política e Governo ..... 2 a 8  
Informe JB ..... 6  
Editoriais e Ique ..... 10  
Opinião ..... 11  
A Semana ..... 12  
Entrevista ..... 13  
Brasil ..... 14  
Internacional ..... 15 a 18  
Negócios e Finanças ..... 19 a 21  
Ciência e Ecologia ..... 22  
Cidade ..... 24 a 26  
Aguinaldo Silva ..... 26  
Registro ..... 27  
Esportes ..... 29 a 32  
Armando Nogueira ..... 29  
Cockpit ..... 30  
Sérgio Noronha ..... 31

Esta edição tem 166 páginas

**Cadernos/Páginas**

Seu Bolso ..... 6  
B ..... 16  
Casa e Decoração ..... 36  
Classificados ..... 16  
Domingo ..... 52  
Estilo de Vida ..... 8

**Ano CIV — N° 16**

Assinatura JB (novas) ..... Rio 589-5000  
Outros estados/cidades (DDG) ..... (021) 800-4613  
Atendimento ao assinante ..... (021) 589-5000  
Classificados ..... Rio 589-9922  
Outras praças (DDG) ..... (021) 800-4613

## Saúde & MEDICINA

### Câncer, guerra ainda a vencer

Apesar das recentes conquistas no combate ao câncer divulgadas nas últimas três semanas, os especialistas ainda se mostram céticos com relação ao prognóstico para os próximos anos. Ainda não se sabe a resposta para três perguntas básicas: como começa a doença, por que o sistema de imunidade falha e como fazer o organismo reagir.

## ESTILO DE VIDA

### Uma arte própria para o seu jardim

A topiaria, uma arte que andava esquecida, volta a encher os jardins de bichos e figuras geométricas, feitas de arbustos. Sem flores, sem tesouras, é uma maneira de valorizar o ar livre no outono. Em Itaipava, por exemplo, é apreciada como escultura.

### Maria Lucia Dahll

■ A voz de Nana, o violão e as canções de Dori e a flauta de Danilo, os três filhos, completam o clã musical Caymmi. **Página 4**

■ Diante de um grupo de amigos, o mestre abre o coração e conta a sua vida, com memória prodigiosa e muito humor. **Página 6**

■ O Brasil deve muito a três amigos de longas décadas: o pintor Carybé, o escritor Jorge Amado e Dorival Caymmi. **Página 8**

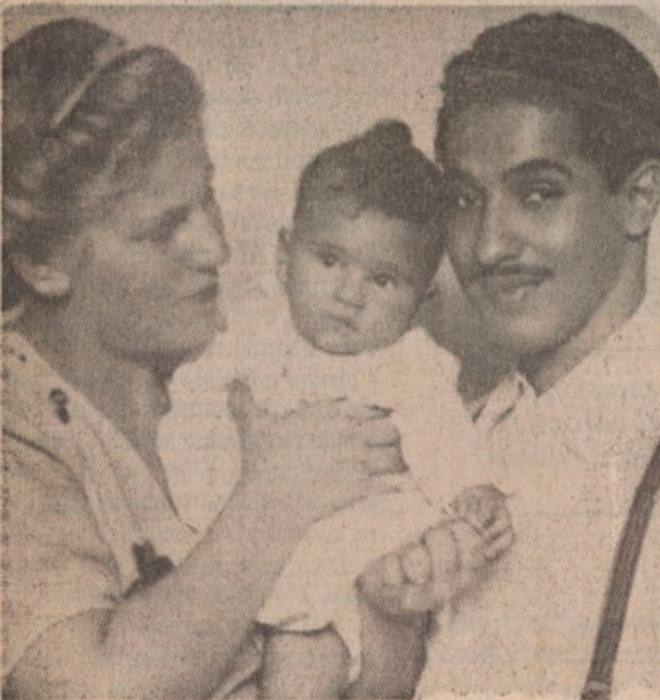
■ Caetano Veloso e Gilberto Gil lembram velhas histórias baianas, trocam elogios e cantam juntos com seu ídolo. **Página 11**

# B

# 80 anos de DORIVAL CAYMMI



Reproduções



Com a mulher Stella e Nana Caymmi ainda bebê; no alto, o jovem Dorival no Rio; ao centro, aos dois anos de idade, em Salvador; e à direita, o compositor curte os 80 anos com as bisnetas Marina e Carolina



Olavo Rufino

## Emagrece, tonifica e modela



Stauffer Concept o sistema revolucionário das camas eletromotoras, emagrece, tonifica e modela seu corpo onde você mais necessita: abdômem, cintura, quadris e coxas. Isto tudo enquanto você está deitada e relaxada! Sem cansaço, ao final de uma sessão, você se sentirá mais leve e com os músculos tonificados.

A tecnologia está a favor de seu bem estar: você não transpira! Nem precisa trocar de roupa!

Comprove!

A primeira sessão é grátis. Para homens e mulheres. Das 8:00 às 20:00 horas.



COMBATE A CELULITE, GORDURA LOCALIZADA E FLACIDEZ SEM SACRIFÍCIOS.

<b>LARGO DO MACHADO</b> R. do Catete, 311 Cj. 314/316 ☎ 205.3330 - 285.1790	<b>MADUREIRA</b> Est. do Portela, 99 Cj. 1102-POLO1 ☎ 359.7211 - 350.3655	<b>IPANEMA</b> R. Visconde de Pirajá, 161 3ª SL ☎ 287.3999
---	---	--

Ganhe dinheiro fazendo parte da nossa rede. Informe-se! Tel: 521.9141 - Fax: 267.6683

RJ: Shopping Rio Sul - Largo do Machado - Madureira - Ipamema - Barra da Tijuca - Nova Iguaçu - Petrópolis - Nilópolis - Centro e Copacabana (em breve) - SP: Vila Conceição - Jardim América - Alphaville - Perdizes - Alto Pinheiros - Fátima - Moema - Higienópolis - Santana - Brooklin - Achmeça - Morumbi - Santo Amaro - Vila Mariana - Santo André - Santos e São Caetano (em breve) - Campinas - PR: Curitiba - Londrina - SC: Santa Catarina - RS: Casinhas do Sul - Porto Alegre - Novo Hamburgo - MS: Campo Grande - Dourados - GO: Goiânia - Seta Verde - Seta Marista - DF/Brasília: Lago Sul - Asa Norte - AL: Maceió - PE: Recife - BA: Boa Viagem - Casa Forte - CE: Fortaleza

TÁRIK DE SOUZA

**N**UM país onde juventude é grife, Dorival Caymmi tem o direito de erguer como um troféu os bem vividos 80 anos que comemora no próximo dia 30. Lúcido, saudável, bem humorado, Caymmi experimenta o *revival* de Jorge Ben Jor, temperado por uma unanimidade para Nelson Rodrigues nenhum chamar de burro. Reconhecido no repertório de baianos novos como Daniela Mercury e Margareth Menezes, reeditado num *songbook* e quatro CDs com diversos intérpretes da Editora Lumiar, além da antologia *Dorival*, da Sony (com Caetano, Gil, Gal, Bethânia e Rita Lee), ele ainda canta num dueto do novo disco de Tom Jobim a inédita *Maricotinha*. "Contra fel moléstia e crime/ Use Dorival Caymmi", prescreveu Chico Buarque no recente *mega-hit Paratodos*. No cipal atual de arte reci-

clável e repertórios de obsolescência programada, o baiano-mor arquitetou uma obra aberta e durável, à prova dos imediatismos e continuada no trajeto dos filhos Dinair (Nana), Dorival (Dori) e Danilo — que lhe deram, até agora, sete netos e duas bisnetas. "Só a partir dos 70 anos me dei conta que minha música tinha resistido em relação à injúria do tempo contra belas canções de outros autores. É bom saber que ficou uma memória grata do que fiz", admite.

Filho de um funcionário público e músico amador, o baiano de Salvador Dorival Caymmi herdou o sobrenome italiano do bisavô paterno que veio construir o célebre Elevador Lacerda. Antes de render-se à imprevisão da carreira musical, foi auxiliar de escritório, vendedor praticista, ilustrador e repórter. Quando tomou um Ita no Nordeste (o navio Itapé) para vir morar no Rio, em 1938, como solfejou na canção famosa, Caymmi já compunha há oito anos e ostentava o primeiro prêmio — um abajur de cetim — num concurso carnavalesco com a sintomática *A Bahia também dá*. O compositor Bragui-nha precisou substituir o medalhão Ary Barroso, que tinha pedido uma fortuna para incluir a sua *Na baixa do sapateiro* no filme *Banana da terra*, e o recém-migrado foi o escolhido. Emplacou *O que é que a baiana tem?* nos requebros audio-

visuais de Carmem Miranda, com quem estreou num dueto em disco, em 1939.

No mesmo ano, seu épico praieiro *O mar integrava* o musical *Joujou et balan-gandans* (a palavra detonada pela composição de Caymmi) e, a partir do início dos 40, suas composições aromatizadas pela baianidade (*Requebre que eu dou um doce, Você já foi à Bahia?, Vatapá*) abasteciam os Anjos do Inferno, ases da era dos conjuntos vocais do Pós-Guerra. Em 1944, a harmonia elaborada de Marina prenuncia a voga dos sambas canções urbanas da década seguinte que rascunhavam a bossa nova, liderada por João Gilberto. João inclui Caymmi no corte radical do movimento, repaginando suas composições como *Doralice, Rosa morena e Saudade da Bahia*. Em 1965, num show em dupla com Vinicius de Moraes, Caymmi lança *Das rosas*, sucesso nos Estados Unidos na voz do cantor Andy Williams. A partir da explosão seguinte de *Oração de mãe Meninha* (num disco puxado para os temas de candomblé, em 1972) e da *Modinha para Gabriela*, incluída na novela da Globo, em 1975, o compositor torna suas aparições bissextas, como a do festival de Montreux em 1991, mas não pára de imprimir clássicos instantâneos como *Sargaço mar* ou *Milagre*. A Mangueira ganhou o carnaval de 1986 celebrando-o no enredo. Um aval das massas ao biscoito fino que ele continua fabricando.

80

anos de  
DORIVAL  
CAYMMI

## ■ 1914

Nasce, no dia 30 de abril, na Rua do Bângala, em Salvador, filho de Durval Caymmi e Aurelina Cândida Soares Caymmi, Dona Sinhá.

"Passei a admirar muito papai quando o vi, na rua, de lenço no pescoço e chapéu chile, de banda, sambando e fazendo o corta-jaca."



## ■ 1925

Enquanto Prestes (foto) inicia a marcha de sua Coluna, Caymmi estuda no Colégio Olímpio Cruz.



## ■ 1930

No ano em que Getúlio Vargas (foto) assume o poder, o compositor interrompe os estudos e entra para o jornal *O Imparcial*.

"Papai não queria que eu ficasse de vadiagem e me arrumou esse emprego".

## ■ 1934

Participa de programas na Rádio Clube da Bahia, quando entra no ar a *Hora do Brasil*.

"Era uma rádio quase amadora, fundada por um militar, que por uma época foi controlada pelos donos de *O Imparcial*".

## ■ 1936

Vence o concurso de músicas para o carnaval baiano com o samba *A Bahia também tem*. "O único samba baiano que conheço é o samba de rua. Minhas influências eram a música clássica e o que tocava na Rádio Nacional."

## ■ 1938

Chega ao Rio em abril e vai morar numa pensão no Centro. Começa a trabalhar com jornalismo e publicidade e em junho consegue o primeiro contrato no rádio.

"A pensão ficava na Rua São José, onde hoje está o Edifício Garagem. Da janela via as pessoas tomando banho de mar."

## OS CONTEMPORÂNEOS

## Amigos recompõem as décadas de convivência com o baiano sestroso



Com Ângela Maria e o cantor mexicano Carlos Ramirez

QUEM conviveu com Dorival Caymmi durante sua juventude, bate sempre na mesma tecla: foi um privilégio partilhar da companhia deste baiano sestroso. E todos têm dívidas de gratidão para com ele, sejam afetivas ou profissionais. O produtor de discos e compositor Aloysio de Oliveira, responsável por cinco dos melhores discos gravados por Caymmi na Odeon, vai mais longe: sem ele, nem Carmen Miranda nem o Bando da Lua (do qual era um dos integrantes) teria alcançado os Estados Unidos. "Carmen gravou *O que é que a baiana tem* para o filme *Banana da terra*, e depois levou o número para o show que fazia no Cassino da Urca, acompanhada por nós. Um dia apareceu no Rio o produtor americano Lee Schubert, que ficou completamente enlouquecido com o que viu e decidiu levá-la para a América. Mas ela bateu pé: só iria se nós do Bando fôssemos juntos. Schubert resolveu economizar, e disse que só tinha passagem para quatro integrantes (éramos seis). Conseguimos as passagens que faltavam com a Alzirinha (Alzira Vargas, filha de Getúlio) e lá fomos nós. Não fosse a música de Caymmi, jamais teríamos chegado lá."

O compositor e produtor Fernando Lobo — que com Teophilo de Barros e Caymmi formou um inseparável trio boêmio na noite

carióica — aponta uma característica totalmente baiana na relação de Dorival com a música: a falta de pressa. "Ele não tem compromisso com o sucesso. É capaz de elaborar uma letra ou uma melodia meses a fio." Para Lobo, o baiano está acima do bem e do mal, e tem um senso de humor muito próprio. "Dorival passou incólume pelo tempo da censura no Estado Novo. Uma vez, o famigerado capitão Dutra de Menezes pediu que ele fizesse uma canção patriótica (estava na ordem do dia exaltar as coisas brasileiras). Caymmi fez uma música que terminava desse jeito: 'E assim teremos louvado/as morenas de todo o Brasil/ o que me obriga a usar/ uma rima pobre com céu de anil'. O capitão não entendeu a ironia e achou ótimo..."

Aloysio de Oliveira também destaca o humor: "Ele não precisa contar piadas para fazer graça". Um exemplo? Fernando Lobo lembra que Caymmi mantém um velho costume baiano mesmo morando no Rio: ficar na janela olhando o movimento da rua. "Um dia ele me ligou e perguntou: 'Sabe por que estou com o cabelo branquinho?' Respondi que não sabia. E ele rebateu: 'É que a vizinha de cima fuma um bocadinho e joga a cinza toda na minha cabeça...'"

A cantora Ângela Maria, que trabalhou junto com Caymmi durante nove meses, na boate Casablanca, na praia Vermelha, em 1953, diz que, antes mesmo de Eli-



Aloysio (D), com Caymmi (C) e Jorge Amado: "Sua música nos levou aos EUA"

Arquivo Fernando Lobo



Fernando Lobo e Caymmi (ao alto), nos bons tempos do bigodinho preto; acima, Ary Barroso (à esquerda), Dorival e o cineasta americano Orson Welles (à direita) em um programa de rádio



Fernando Lobo e Caymmi (ao alto), nos bons tempos do bigodinho preto; acima, Ary Barroso (à esquerda), Dorival e o cineasta americano Orson Welles (à direita) em um programa de rádio

zeth Cardoso, já detinha o título de *A divina*. Tudo por conta do espetáculo realizado com o baiano. "Eu estava começando a minha carreira, e o show se chamava *Coisas e graças da Bahia*. Tinha balé de baianas, vedetes, uma sereia dentro de um aquário, uma coisa linda, direção de Fernando Lobo e Paulo Soledade. Foi um sucesso estrondoso, a gente ia ficar um mês e acabou ficando nove. Os jornalistas da

época me chamaram de *A divina*. Só depois é que a Elizeth ficou com este título."

Para a atriz Tonia Carrero, a lembrança mais forte de Caymmi vem dos tempos em que eram vizinhos no Leblon. Ela ainda era Mariinha e nem pensava em ser atriz. "Sempre nos encontrávamos no caminho para a praia", conta Tonia. "Eu, que arranhava um violão, costumava fazer uma *maldade* com

meu filho, Cecil (Thiré), pequenino ainda. Quando eu queria implicar com ele, cantava aquela música do Caymmi que diz 'e a jangada voltou só'. O Cecil abria o maior berreiro: 'Mãe, não canta isso...'"

Aloysio de Oliveira lembra ainda uma passagem curiosa. "O Caymmi é muito preguiçoso, precisa de alguém que o estimule a compor, a criar. Acho que fiz este papel. Mas há um disco que me arrependo de ter feito. Eu era diretor artístico da Odeon, e ele me procurou porque estava precisando de uma grana. 'Você tem alguma música nova?', perguntei. Ele disse que não. Ai ficava difícil, pois já havíamos gravado de tudo quanto era jeito, com violão, com regional, com orquestra... Então botei o Caymmi também *de rancho*, onde ele cantava acompanhado por uma banda semelhante àquela do Corpo de Bombeiros. Com isso, ele conseguiu um adiantamento na gravadora, resolveu lá o seu problema. Mas o disco ficou horrível, não vendeu nada. Foi nosso único fracasso."

E já que é aniversário de Dorival, Fernando Lobo aproveita para avisar aos novos amigos do baiano que ele tem duas coleções, uma de bengalas, outra de armas antigas, embora nunca tenha dado um tiro na vida. "Então — diz Lobo — fica combinado: não mandem canetas, nunca, ou gravatas, nem pensão. Mas uma bela bengala ou uma garucha velha, tudo bem". Está dado o recado.

## As outras faces de um talento incomum

### Jornalismo foi a primeira opção no Rio: "O Wainer me ofereceu uma coluna"

Se a sorte não tivesse dado uma mãozinha, ao invés de seguir a carreira artística Caymmi provavelmente teria se tornado jornalista. Aos 16 anos, na Bahia, ele conseguiu seu primeiro emprego, no escritório do jornal *O Imparcial*. Ao chegar ao Rio, em 1938, a imprensa foi a sua primeira opção para ganhar alguns trocados. "Tinha muitos amigos ligados à imprensa, como Carlos Lacerda, Samuel Wainer e Jorge Amado. Pingavam um dinheiro que ajudava a pagar a pensão", lembra. Nos anos 50, Caymmi colaborou para a *Última Hora* e *O Jornal*. "Samuel Wainer me convidou para escrever uma coluna sobre rádio. Depois fiz a mesma coisa em *O Jornal*", recorda.

### Acadêmicos atribuem caráter universal à poesia, apesar de todo o regionalismo

O Caymmi cantor e o músico não conseguem obscurecer a qualidade de sua poesia. Afinal, como ele mesmo define com simplicidade, "canção é uma combinação de letra e música". O cantor do mar, da Bahia, dos amores, das cidades, talvez nem precisasse de melodias e harmonias particulares para ser um dos maiores nomes da cultura nacional. "Ele trouxe para o letrismo brasileiro uma contribuição imortal", afirma o filólogo e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), Antonio Houaiss.

Josué Montello, presidente da Academia, é outro admirador confesso dos versos de Caymmi. "Drummond diz que poesia é um mistério muito pessoal, a expressão indireta das coisas na forma obli-

Antônio Houaiss: "Ele trouxe para o letrismo brasileiro uma contribuição imortal."



Rachel de Queiroz: "A sua música é ingênua como a poesia dos grandes escritores."

qua e mágica do poeta. Se por vezes falta à poesia de Caymmi esta expressão elíptica ou oblíqua, o poder mágico de comunicação dele dá uma autenticidade tal ao seu poema que este assume a feição do poético. Com uma dupla dimensão: da música e do verso", teoriza Montello.

Nem mesmo o excesso de regionalismo de sua obra pode ser motivo de críticas. "Quando o regional é bom, torna-se universal. Ele tem uma música ingênua, como a poesia de grandes escritores. É o talento do gênio criador", avalia Rachel de Queiroz, outra acadêmica. "Ele é um poeta sensível. O grau de aparente simplicidade é apenas uma elaborada despoluição da matéria verbal", analisa Houaiss.

### Comunista por acaso: "Quem não era, acabava virando um reacionário"

Caymmi nunca foi filiado a nenhum partido político, mas nos anos 40 acabou tendo alguns problemas com a polícia de Getúlio Vargas, que desconfiava que ele era comunista. Amigo de Jorge Amado, Clóvis Graciano e Moacir Werneck de Castro, Caymmi envolvia-se, mesmo sem intenção, com notórios marxistas. "Naquela época, quem não era comunista era chamado de reacionário, mas eu nunca fui nem um nem outro", jura. Em 1945, acabou compondo o *jingle* da campanha de Prestes para o Senado. "Fiz por amizade, em cima da perna mesmo. Nem sei se ele foi cantado", lembra.

## OPINIÃO

Só se fala em alianças, em coligação.

Mas será que o fato de o PPS e o PSB apoiarem Lula leva o eleitor a votar nele?

E se o PPR se aliar ao PSDB, os eleitores de Maluf vão mesmo votar em Fernando Henrique?

E o apoio do PTB a um candidato muda o voto de algum eleitor?

As alianças são usadas como moeda nos currais eleitorais e para cargos do futuro governo — e esse filme a gente conhece bem.

Não seria mais sensato se cada um de nós refletisse sobre cada candidato (e no seu passado) e no programa de cada partido, para fazer uma escolha correta e lúcida?

Já é hora de os partidos no Brasil terem programas e não donos.

## Monopólio Bela campanha

A família Bulhões é dona das Alagoas.

A maior gráfica, a Pé-gaso, que presta serviços para o governo, pertence ao governador Geraldo Bulhões.

A oficina Garfix, também de Bulhões, conserta os carros do estado.

E todas as passagens para viagens oficiais são compradas na agência Transmundo, do gênero do governador.

Para completar, a famosa cachaça Mucuri foi comprada pela família, por US\$ 500 mil.

Naturalmente, também abastece o Palácio do Governo.

## Sugestivo

Para explicar por que os países periféricos ao Brasil não decolam, o então sociólogo Fernando Henrique Cardoso escreveu, na década de 60, o livro *Teoria da dependência*.

Enquanto negocia a aliança com o PFL, o hoje candidato à Presidência já deve ter um ótimo material para o lançamento do *Teoria da dependência II*.

**Frase de Rubem Braga:** "Fazer política é a arte de namorar homem."

Os 59 mais-mais da moda francesa assinam, todos juntos, uma camiseta branca.

Gente como Lacroix, Claude Montana e Yves Saint-Laurent vão colocar seus logotipos no peito da camiseta, que é parte da campanha *Todos contra a Aids*, a ser vendida por 100 francos na loja Elle, em Paris.

Nossas *Barbies* vão adorar.

## Troféu

Um assunto, hoje, é mais tabu para Ayrton Senna do que a má fase de sua Williams: a linda menina Vitória, de sete meses, filha do piloto e da modelo Marcella Prado.

O campeão mantém a relação em marcha lenta e quase não visita a garota, mas a mãe do piloto acelera forte e é uma tremenda avó co-ruja. Os presentes que *papai rapidinho* dá para a pequena Vitória são apropriados: carrinhos.

# DANUZA

Alexandre Campbell



Fernanda Torres aproveita a viagem do marido para desenfumaçar a vida

## CALÇADÃO

□ Depois de mexer com Nelson Rodrigues e com Maria Bethânia, o diretor Gabriel Vilella volta ao lar. Muda-se para Belo Horizonte até agosto, quando estréia a peça *O mártir do calvário*.

□ Sinval Guazelli, ministro da Agricultura, será o representante de Itamar Franco na posse do novo presidente da Costa Rica, no dia 7 de maio.

□ Quando o presidente Itamar estiver na China, no final do mês de maio,

acontecerá em Pequim uma exposição de arte brasileira contemporânea reunindo os nomes de Darel Valença, Amador Peres, Amílcar de Castro, Iberê Camargo, Anna Bella Geiger e Carlos Martins, no Museu Yan Huang.

□ A série Populares e Eruditos dos Concertos H. Stern apresenta dia 27 o Trio Variações, composto por Mauro Senise, David Chew e Nicolas de Souza Barros. O programa vai de Chick Corea a Villa

Lobos, passando por Handel e Piazzola.

□ A editora Regina Bilac Pinto comemora este mês os 90 anos da sua revista *Forense*, uma publicação jurídica editada sem interrupção desde 1904.

□ Nelson Pereira dos Santos está em Paris adaptando seu longa *A terceira margem do Rio* para o Canal 5 da televisão francesa.

□ Totalmente recuperado de uma operação de apêndice, Técio Lins e

Silva retoma amanhã suas atividades políticas e jurídicas.

□ De 2 a 30 de maio técnicos de Furnas estarão em Moçambique, a convite do Ministério das Relações Exteriores, para treinar técnicos africanos em geração, transmissão e distribuição de energia elétrica.

□ O restaurante Giuseppe, no Centro, acrescenta a partir de amanhã à sua atmosfera romana a harpista Silvia Pasaroto, no horário de almoço.



## Viva!

Viva Dorival Caymmi, o aniversariante da semana.

São 80 anos da mais legítima preguiça, malemolência, criatividade e talento.

Viva!

## BOM PROGRAMA

Tomara que você tenha acordado cedo. Pule da cama, pegue a estrada e vá até uma legítima fazenda de café; pegue a Rio-Juiz de Fora, vá até Pedro do Rio e lá procure o Hotel-Fazenda da Maria Cláudia, que fica em São José do Vale do Rio Preto, a 120 km do Rio.

Esqueça as crianças com Toninho, o recreador: ele mesmo se encarrega do almoço dos pimpolhos.

Dá para andar a cavalo, pegar uma sauna e tomar banho de piscina.

O almoço é para adultos, então pense só em você: sopa de tomate ou caldo verde, tutu de feijão, couve, lombinho, saladas e doces, muitos doces.

De abóbora, de leite, de goiaba, de banana, feitos com frutas da própria fazenda.

Caminhe pela fazenda, respire o ar puro e visite o ateliê onde artesãos tecem lindos tapetes em tear de algodão.

Cinco da tarde é hora de pegar a estrada de volta para não enfrentar a neblina.

## 'Axé-búrguer' Questão de ordem

A Bahia está em polvorosa.

Depois de inteiramente recuperado, o Pelourinho será invadido pelo McDonald's.

O local escolhido é a mais antiga funerária da cidade, no meio do Centro Histórico de Salvador.

Como nenhuma reunião do PT começa na hora, os poucos pontuais do partido avisam que, caso Lula seja eleito, a *Voz do Brasil* começará assim: "Em Brasília, são mais ou menos 19 horas."

## Corte

Atenção: nos próximos três anos os 11 maiores bancos comerciais demitirão 10 mil empregados devido à recessão e aos créditos não recebidos.

Está previsto o fechamento de 300 agências bancárias.

Isso, no Japão.

## Leitores vips

A editora Rocco e a Lumière Filmes mandaram dois mil convites para os VIRs (*Very important readers*), que ganham desconto de 10% na compra do livro *Um guia para uma breve história do tempo*, do físico inglês Stephen Hawking.

E um ingresso para o filme de mesmo nome, cartaz de abril, do Estação Botafogo.

## Pergunta

Quando os deputados cassados pela CPI do Orçamento devolverão o dinheiro embolsado?

Daniella Sholl e Maria Clara Jorge

# 80

anos de  
**DORIVAL  
CAYMMI**

## 1940

Casa-se com a cantora Stella Maris, ou Adelaide Tostes.



## 1941

Walt Disney escolhe a música *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso, como tema de seu filme *Alô, amigos* (foto) no mesmo ano em que nasce a primeira filha de Caymmi, Dinair (Nana). Ele excursiona pelo Nordeste. "A viagem durou muito tempo. Nana ficou no Rio com a avó".

## 1942

Faz shows em Maceió e Salvador e compõe *Dora*. "Estava em Recife, e vi num bloco pré-carnavalesco uma mulata dançando. Daí saiu 'Dora, rainha do frevo e do maracatu'. Demorei quatro meses para voltar ao Rio. Com a guerra, os militares tinham preferência nos transportes".

## 1943

Morre D. Sinhá, mãe do cantor. Estréia no Rio *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues (foto). Nasce o filho Dori, em 26 de agosto. "Dori nunca quis nada com estudo. Ele pedia meus discos e dizia que eram para a professora, mas os usava para comprar o responsável pelas presenças e não levar falta quando matava aula".



## 1944

Faz um show grandioso no Copacabana Palace. "Foi a glória. Silvio Caldas, Nelson Gonçalves e Carmem Costa fizeram a figuração."

## 1948

Nasce Danilo, em 7 de março. "Danilo começou a se interessar por música tocando uma flauta de madeira que eu trouxe de uma de minhas viagens".

## 1949

O cantor atua no filme *Estrela da manhã*, ao lado de Paulo Gracindo. "Ele dizia que o meu tipo era de galã rústico".

## 1953

A família se muda para Copacabana.

# MÚSICA POR TODA A CASA

## Filhos falam das influências e brigas



Nana beija o pai em época sem desavenças; à direita, Nana fazendo pose, Dori cantando, Danilo dividindo o colo com o violão e Stella se divertindo com os talentos precoces

**P**OUCAS famílias conseguiram uma seqüência de talento e sucesso como a dinastia dos Caymmi. Stella, a matriarca, foi cantora antes do casamento. E os rebentos do casal — Nana, 52 anos, também cantora, Dori, 51, com seu violão e suas composições, e Danilo, 46, com sua flauta — conseguiram escapar da sombra do pai famoso, desenvolvendo carreiras independentes.

Não era difícil prever que os três filhos iriam seguir a carreira musical. "Papai tocava violão e colocava discos para ouvirmos. Lá em casa sempre havia visita de artistas, como Ary Barroso, Elizeth Cardoso... Ficava de pijama, olhando fascinado", recorda Dori, falando por telefone de Los Angeles, onde é radicado. "Uma vez, o João Gilberto chegou às 4 da manhã com uma bailarina e foi direto para minha cama", conta divertido Danilo.

Para Dorival, o interesse de seus filhos por música foi espontâneo. "Quando percebemos isso, procuramos dar educação musical para todos. Só a Nana escapou, confiando na intuição. Como não tive uma educação musical convencional, fui um espelho para ela em casa", explica. "Mamãe, que viveu de perto a insegurança da profissão, não nos incentivava, pois a vida de músico é incerta", imagina Danilo.

Os três acabavam influenciando uns aos outros. "Dori sempre me acompanhou em meus shows com seu violão", recorda Nana. O único problema foi a diferença de idade entre Danilo e os irmãos. "Dori tinha um trio com Marcos Valle e Edu Lobo, e eu ficava com minha flauta querendo participar. Um dia ele tentou me dar um chute, prendeu o pé no piano e se machucou todo", diverte-se Danilo. Caymmi, porém, não abriu portas para os filhos. "Não adianta forçar uma barra se seu filho, depois, vai ter que passar novamente por certas etapas", diz Danilo. Mas, em alguns casos, a ajuda até que foi muito evidente. "Desde a época em que comecei a compor, fiz música com ele".

Só mesmo Nana, a filha mais velha, renega um pouco a influência do pai na sua opção profissional. "Não comecei minha carreira com meu pai", garante. Foi com ela, aliás, que Caymmi teve os poucos problemas de relacionamento com seus filhos. "Ela nunca gostou de estudar, sempre repetia de ano", lembra Caymmi. Mas Nana rebate: "Foi uma coisa completamente machista. O Dori não parava nunca em casa, não estudava, e eu era presa. Preferi casar para ter independência", conta.

O casamento com o médico Gilberto José Paoli não deu certo, e em poucos anos Nana estava separada e mãe de três filhos. "Não quis compactuar com a separação", justifica Caymmi. Nana vê outros motivos para o fato de o pai ter ficado seis anos sem falar com ela: "Ele estava preocupado pois queria se aposentar e percebeu que teria mais quatro bocas para alimentar". "Mas um dia — continua ela —, o diretor Wilton Franco pediu que eu fosse cantar com papai numa festa de aniversário da Tupi. Lá, meu pai começou a falar comigo como se nada tivesse acontecido. Depois desse dia, voltamos a nos relacionar normalmente", recorda.

Olavo Rufino



Sem Dori, em Los Angeles, os Caymmi em casa



Reprodução

## PERFIL DO CONSUMIDOR/Stella Caymmi

Olavo Rufino

Ao lado de Dorival há 54 anos, Stella, oficialmente Adelaide Tostes Caymmi ("nome que só uso para assinar cheques"), é uma mulher de personalidade forte e marcante. Os dois se conheceram no rádio, quando ela era uma jovem cantora em ascensão. Acabou largando tudo para cuidar do marido e da família. "Eu era muito tímida, não tinha coragem de me apresentar para o público", admite. Tanta timidez não impediu, porém, que algumas vezes saísse pela noite atrás do marido mulherengo. "Ele dava muito trabalho, mas valeu a pena", diz.

Aos 72 anos, essa mineira de Piquiri continua ativa e cheia de energia. A paixão pelo mar presente na obra do marido também é uma constante na vida de Stella, que adora nadar e não dispensa uma boa pescaria. Por isso, se tivesse a oportunidade de ir para uma ilha deserta, a única coisa que não poderia esquecer seria o marido. Ou alguns discos, "dois molinetes e muita isca".

**Perfume** — Joy, de Jean-Patou.

**Xampu** — "De criança, da Mônica."

**Pasta de dente** — Close-Up, com menta.

**Roupa** — "Em qualquer loja que tenha meu número. Se tem, já dou graças a Deus."

**Sapato** — Tênis Rebook.

"Meu filho Dori trás para mim dos Estados Unidos. É o melhor para o meu problema de calcanhar."

**Comida** — Cozido. "Que eu mesma faço."

**Comida que não gosta** —



Miolo. "Nunca comi e não gosto."

**Fruta** — Manga.

**Bebida alcoólica** — "Nenhuma, há 20 anos. Antes era a maior cervejeira da praça."

**Bebida não alcoólica** — Água tônica com limão e gelo.

**Esporte** — Natação e pesca. "Hoje nado pouco, mas sempre que posso pesco com molinete."

**Religião** — Candomblé e catolicismo.

**Sonho de consumo** — Uma sauna. "O problema é um lugar para instalar."

**Hobbie** — Crochê.

**Animal doméstico** — Gato.

**Animal selvagem** — Leão.

**Livro** — *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo.

**Escritor** — Jorge Amado.

**Filme** — *E o vento levou*.

**Cantor** — Silvio Caldas.

**Cantora** — Elis Regina.

**Música** — *Minha*, de Francis Hime.

**Ator** — No meu tempo de

mocinha, o Tyrone Power. Agora o Michael Douglas.

**Atriz** — Fernanda Montenegro.

**Signo** — Capricórnio.

**Santo** — Ogum.

**Qualidade** — "Vejo e sinto de perto os problemas dos outros. Mas muitos consideram isso um defeito."

**Defeito** — "Sou muito autoritária."

**Motivo de orgulho** — "Ter salvo o meu filho Dori do mar do Leblon em baixo de ondas de dois metros. Foi um milagre."

**Motivo de arrependimento** — Nenhum.

**Fobia** — Elevador e avião. "Perdi grandes passeios por causa disso, mas na época não tinha dinheiro para ir a um psicanalista."

**Momento profissional mais emocionante** — "Quando ia estrear na Rádio Mayrink Veiga, num horário ruim, e Carmem Miranda me cedeu o horário dela, mais nobre."

**Pior momento profissional** — "Só tive bons momentos."

**Homem inteligente** — "Meu marido."

**Mulher inteligente** — Zélia Gattai.

**Homem bonito** — "Ricardo, um fotógrafo da revista *Caras*".

**Mulher bonita** — Vera Fischer.

**Personalidade** — Dorival Caymmi.

**Superstição** — "São tantas, se eu citar não cabe na página do jornal."

**Palavra mais bonita da língua portuguesa** — Amor.

**Palavra mais feia** — "É impúblicável."

**Quem levaria para uma ilha deserta** — "Dois molinetes e muita isca."

**Quem deixaria lá para sempre** — "Pessoas que conheço, mas que não posso dizer o nome para evitar problemas."

**Frase** — "A jangada voltou só."

## O repouso do boêmio

Dorival Caymmi, depois de anos de boemia, leva uma vida regrada e tranqüila em seu apartamento da Rua Souza Lima, em Copacabana. Difícilmente amanhece de mau humor. Seu despertador é a luz do dia. "Mas para não incomodar minha mulher, fico na cama até as seis horas, aí vou ao banheiro fazer xixi", conta. Depois se levanta, bebe água em jejum e espera a hora do café da manhã, entre 7h30 e 8h. Ouve música, lê os jornais, toma banho e, lá pelas 12h30, almoça uma boa comidinha caseira.

À tarde, uma fruta ou biscoitos e, quando a mulher e a empregada dão uma saída, encontra tempo para ler um livro. "O jantar depende de Stella, que vê todas as novelas. Eu só assisto um noticiário", conta. Depois, ainda faz uma ceia e vai se deitar, para dormir à meia-noite religiosa-



Olavo Rufino

Oito da manhã: depois do café, o momento de ouvir um pouco de música

mente. "Tenho uma receita familiar, nunca levo problemas para o travesseiro", ensina.

Mas a vida de Caymmi nem sempre foi assim. Até a década de 60, era um grande boêmio, que, com seus muitos casos amorosos, dava trabalho para a mulher. "Uma

vez — conta Stella — soube de uma frequência estranha num bar aqui na Barata Ribeiro, rolava pó naquele lugar. Fiquei com medo, achei que o Caymmi podia estar metido naquilo. Uma noite, fui atrás dele e o encontrei cercado de mulheres. Entrei e fui logo dando um soco na mesa. Um copo quebrou.

Veio o leão de chácara e eu dei uma bofetada na cara do Caymmi. Depois, saí xingando e fui embora. Felizmente não era nada com o pó, ele estava mesmo era com as vagabundas", recorda D. Stella. Apesar de tudo, ela não tem queixas. "Ele dava trabalho, mas valeu a pena. Afinal, são 54 anos juntos", admite.

**ADRIANA CALCANHOTO, CAETANO VELOSO,  
DANILO & SIMONE CAYMMI, DANIELA  
MERCURY, DJAVAN, ELBA RAMALHO, GAL  
COSTA, GILBERTO GIL, MARIA BETHÂNIA,  
RITA LEE E TOM JOBIM**

**HOMENAGEIAM OS 80 ANOS DE  
DORIVAL CAYMMI  
CANTANDO SEUS MAIORES SUCESSOS.**



UMA OBRA REQUINTADA, COM  
GRAVAÇÕES ORIGINAIS, REALIZADAS  
DE OUTUBRO DE 93 À FEVEREIRO DE 94

**CD • K7 • LP Sony Music**

# 80 anos de DORIVAL CAYMMI

## 1955

No ano em que Juscelino é eleito presidente e o Brasil começa a fabricar as famosas lambretas (foto), Caymmi lança seu primeiro LP, *Canções praieiras*



## 1957

Faz a primeira viagem à Europa e canta em Portugal. Grava saudades da Bahia.

## 1962

Nasce Stella Terezinha, sua primeira neta, filha de Nana.

"Ela nasceu na Venezuela, onde Nana morava. Três meses depois, Nana veio nos visitar e o marido tinha que ficar ligando, mandando ela voltar para lá."

## 1963

Enquanto Glauber Rocha filma *Deus e o diabo na terra do sol* (foto), nasce Denise Maria, filha de Nana, sua segunda neta.



## 1965

Excursiona aos Estados Unidos, onde grava um disco e participa de programa de televisão. Lança a valsa *Das rosas*. "Parei de fumar antes de ir para os Estados Unidos. Foi na hora errada, lá via propaganda de cigarro a tempo inteiro. Era um sofrimento."

## 1966

Nasce João Gilberto, filho de Nana. "Ela nasceu no Brasil e logo depois Nana se separou. Fiquei anos sem falar com ela porque a separação foi muito feia, com o pai tentando entrar na justiça venezuelana para conseguir a posse dos filhos."

## 1968

Ganha uma casa do governo da Bahia. É feito Obá de Xangô no terreiro Axé Opô Afonjá. "Nessa época, morei uns anos na Bahia. Mas acabou virando atração turística, todos iam até minha casa me ver. Como tinha muitos compromissos profissionais no Rio, acabei vendendo a casa e voltando."

JORNAL DO BRASIL — Tom, qual foi o impacto que teve no seu trabalho a música do Caymmi?

**Tom Jobim** — Muito grande. Ficava grudado no rádio quando tinha programa do Caymmi. Fiquei apaixonado e fui conhecê-lo muitos anos depois.

**JB** — Ai vocês fizeram o disco *Caymmi visita Tom*...

**Tom** — ...E leva seus filhos. Nana, Dori e Danilo, que é padrinho da minha filha.

**JB** — Virou uma grande família.

**Dorival Caymmi** — Isso temos de bom. Somos aparentados. A razão do parentesco é uma amizade de impacto desde o primeiro contato. Em seguida, nossos filhos foram se entendendo gostosamente. Danilo morava perto e de repente aparecia o Paulinho, que eu conheci melhor vendo uma prancha de surfe na casa do Tom, em Los Angeles.

**João Ubaldo Ribeiro** — Conheci vocês dois lá.

**Caymmi** — Quem me apresentou a João Ubaldo Ribeiro foi Tom Jobim.

**Ubaldo** — Faz trinta anos isso. Me lembro que o Tom teve até problemas com a polícia em Los Angeles...

**Caymmi** — Fazíamos um sonzinho e chegou um astronauta da polícia na porta perguntando: "O que que está havendo?" Ele olhou para dentro da casa, mas quando viu a cara do poeta (Tom), sentiu o *élan*, a música, e disse: "Bom, não há nada demais. Pode continuar, mas faça um pouco a janela para não incomodar os vizinhos". Ele deu um jetinho brasileiro.

**Tom** — Eu levei um susto ao ver a polícia. Eles entraram com aqueles elmos, como se tivessem saído de uma espaçonave, e olharam para a mesa, para ver o que é que tinha. Mas era só cerveja.

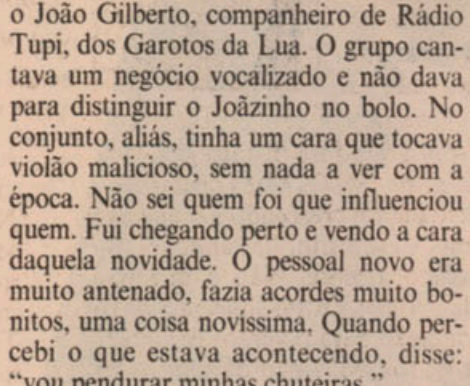
**Caymmi** — Era uma coisa ingênua, só que tinha música. E não era batucada, era um violão pulsado, tocado docemente. Aquela coisa que a bossa nova tinha, que não era arruaca. Era um negócio devagar...

**JB** — Falando nisso, Caymmi, como você sentiu o impacto da bossa nova?

**Caymmi** — Com surpresa. Me apresentava na Rádio Tupi naquele tempo. De repente, o Aloysio de Oliveira, da Odeon, chegou com um acetato. A gente já ouvia na noite umas coisas gostosas e diferentes, como o Gaúcho do Acordeon. Escutei a gravação e achei uma beleza. Só podia ser, porque era música de Tom. Fiquei impressionado com aquele samba de letra gostosa, violão e voz. Estava instaurado um outro sistema. Perguntei quem estava cantando e era o Joãozinho, o João Gilberto, companheiro de Rádio Tupi, dos Garotos da Lua. O grupo cantava um negócio vocalizado e não dava para distinguir o Joãozinho no bolo. No conjunto, aliás, tinha um cara que tocava violão malicioso, sem nada a ver com a época. Não sei quem foi que influenciou quem. Foi chegando perto e vendo a cara daquela novidade. O pessoal não era muito antenado, fazia acordos muito bonitos, uma coisa novíssima. Quando percebi o que estava acontecendo, disse: "vou pendurar minhas chuteiras."

## 1963

Enquanto Glauber Rocha filma *Deus e o diabo na terra do sol* (foto), nasce Denise Maria, filha de Nana, sua segunda neta.



**Almir Chediak** — Quais eram as músicas do disco?

**Tom** — Bem bom e *Chega de saudades*. **Ubaldo** — Me lembro de uma vez, na década de 60, o Caymmi foi contratado para fazer um comercial. Mas ele sabia que eu estava duro e disse ao cara da agência: "Só leio se for escrito pelo João Ubaldo. Quero qualidade literária." O cara foi indignado me procurar com o talão de cheque na mão e falou: "Não tem o que alterar, mas o Caymmi só lê se você escrever." Peguei a máquina e copiei, letra por letra.

**Caymmi** — Sempre nos entendemos bem.

■ Numa tarde bonita, num salão no Hotel Rio Palace, com vista para a Praia de Copacabana, Dorival Caymmi abriu seu coração. Recebeu velhos e novos amigos, respondeu a um batalhão de perguntas, usou e abusou da sua espantosa lucidez para puxar episódios do fundo da alma, falou pelos cotovelos. Foi uma longa conversa. No encontro, organizado pelo JORNAL DO BRASIL no local onde antes funcionava o Cassino Atlântico — um dos muitos palcos cariocas a ter o privilégio de apresentar um show de Caymmi —, reuniram-se em torno da mesma mesa Tom Jobim, João Ubaldo Ribeiro (ex-companheiros de copo), o cartunista Jaguar, o pesquisador Albino Pinheiro, o jornalista Sérgio Cabral, Alceu Valença, o ator José Lewgoy (contemporâneo e frequentador do Rio que recebeu Caymmi de braços abertos), Ivo Meirelles (vice-presidente da Mangueira e autor de um samba em homenagem à Bahia de Dorival) e Almir Chediak, que está lançando o songbook do compositor.

Num clima descontraído, regado a muito cafezinho, chá e biscoitos (Caymmi não bebe há quase 30 anos), o que deveria ser uma entrevista transformou-se num papo de quase três horas. O homenageado, acompanhado por uma de suas netas, além da memória prodigiosa, demonstrou um senso de humor invejável.



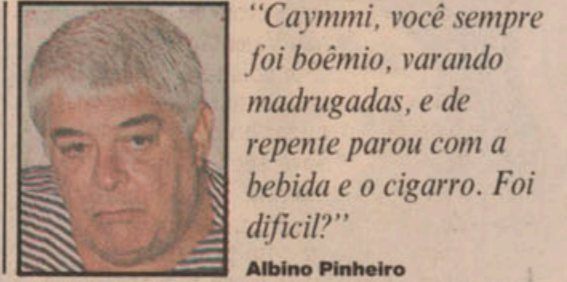
"Eu ficava grudado no rádio quando tinha programa do Caymmi. Mais tarde, quando conheci ele, me apaixonei."

Tom Jobim



"Uma vez, o Caymmi exigiu de uma agência de publicidade que eu fosse o autor do texto porque sabia que eu estava duro."

João Ubaldo Ribeiro



"Caymmi, você sempre foi boêmio, varando madrugadas, e de repente parou com a bebida e o cigarro. Foi difícil?"

Albino Pinheiro



O alegre grupo da entrevista: Tom (à esq.), Caymmi, Sérgio Cabral, João Ubaldo Ribeiro, José Lewgoy, Almir Chediak, Albino Pinheiro, Jaguar, Alceu Valença, a neta Stella e Ivo Meirelles

Nos finais de semana a gente batia coxa juntos. Iamos à casa do Pierre Verger, do Jorge Amado, sempre fazendo piada e achando bons assuntos para conversar.

**Ubaldo** — Você com sua maletinha...

**Caymmi** — Uma maleta amarela, muito feia, do Requeijão Mococa, que comprei por 12 cruzeiros. Mas fui proibido de usá-la. Numa excursão pelo interior de São Paulo coube ali calça, um suéter, uma cueca e uma camisa...

**Albino Pinheiro** — Você sempre teve uma vida muito boêmia mas, de repente, parou com tudo. Foi uma decisão fácil?

**Caymmi** — Fiquei muito triste. Deixar de beber e de fumar implica num sofrimento terrível. Só parei porque tinha gota, que dói um bocado. Mas tomei vergonha porque sou escravo de mulher.

**Ubaldo** — E de Mãe Edil também, se lembra dela?

**Caymmi** — Era uma baixinha, charmosíssima. Stella ficou apaixonada por ela. **Ubaldo** — Ela acha que foi Mãe Edil que tirou você do álcool.

**Caymmi** — Mas só tomei capricho a partir de Los Angeles, com uma certa senhora Tereza, mulher do Tom. Eu tinha tomado um gorozinho na casa dele e sai mancando da perna. Ela me disse: "Você escrever para a Stella e dizer como você está". Senti que ela estava preocupada. E quando tomei o caminho de casa, fui tomando vergonha. Mas depois que fui com tudo, a gota bateu novamente e tive que fazer regime.

**Albino** — Seu estilo de vida mudou quando parou de beber?

**Caymmi** — Não, porque fiz um preparatório bom para manter a mesma vida, misturando guaraná com gelo no Clube 36. O Manolo garçom me ajudava, mas o pessoal via o copo e dizia: "O Caymmi não larga a bebida!".

**Ivo Meirelles** — Caymmi, você passa uma imagem de doçura e serenidade. Como você faz para manter sempre a humildade e a tranquilidade quando vocês fizeram um buraco no banheiro?

**Caymmi** — O convívio com mulher é um

elixir de longa vida. É um negócio de pura paz. É um pouco exótico, estranho e erótico o que vou dizer, mas sou uma daquelas raras pessoas que quando nasceu olhou para trás, para descobrir as origens. Deduzi, a partir desse momento, que não se precisa ter pressa para nada, porque a fama de preguiçosos é excelente defesa para se viver bem. E o lado A dessa história é a presença da mulher. Tudo verdadeiro vem através da mulher.

**Ivo** — Você teve muitos amores?

**Caymmi** — Não vale a pena contar. Comecei a ser cobrado disso depois dos 70 anos. "Você foi um safado naqueles dias". Não tive a intenção. Eram todas amigas. Toda a mulher que conheço mas de perto se torna minha amiga.

**Ivo** — Mulher é um anestésico?

**Caymmi** — Claro! O homem que não sabe disso não é malandro. Tem que aproveitar a presença, o cheiro de mulher... Hoje sou um camarada de uma idade provecta. E reclamo porque os sujeitos vêm insistindo no desodorante, uma coisa criminosa. O cheiro que emana de mulher, da lavadeira, da mulher que trabalha, da que não trabalha nada... O cheiro daquela mulher de saia, na cozinha da minha infância, cheirando a dandá (uma raiz como gengibre, que se pega um pedaço, coloca na boca e fica mascando e dá um hálito delicioso, que combina melhor com o negro, de mulato pra trás), a um pouco de fumo de rolo, que dá o mesmo charme. E patchouli na roupa barba, que cria um clima de anágua e de mulher da cintura pra baixo. O patchouli é uma lição de amor.

**Jaguar** — Já que você falou de erotismo, um amigo meu lembrou dum entrevista que Paulo Gracindo deu ao *Paquinh*. Quando ele veio para o Rio, vocês eram colegas de pensão...

**Caymmi** — Ele morava numa pensão vizinha à minha. Mas a gente convivia no mesmo restaurante, porque era mais fácil pendurar na D. Julieta.

**Jaguar** — E é verdade que vocês fizeram um buraco no banheiro?

**Caymmi** — Era o banheiro mais furado do mundo. A gente subia na cadeira e espiava no buraco que um virtuoso do voyeurismo fez na parede; e olhava as mulheres tomando banho no chuveiro, abaixando para pegar o sabonete, aquela coisa gloriosa! Tinha um camarada que era do clube dos espírios, mas que dizia: "Agora não vale espiar porque minha mulher está tomando banho".

**José Lewgoy** — O que veio antes na sua vida, a pintura ou a música?

**Caymmi** — A pintura não, mas desenho no colégio. Tinha letra muito boa.

Um colega, filho do dono do Cinema Jandaia, pediu para eu fazer o trabalho em troca de ingressos para a matinê. Aos 10, 11 anos, vi que tinha um desenho muito bom. Mas a música já estava em volta de mim por causa do violão de papai, do bandolim, do piano... A pintura veio depois, nos anos 40.

**JB** — E a música, quando entrou na sua vida?

**Caymmi** — Ouvindo o gramofone da casa de um vizinho rico. Já a inspiração nasceu com uma menina de colégio, chamada Irlanda, que provocou em mim uma coisa como ejaculação espontânea, que sai e não dá para segurar. E ela apareceu e ri. Surgiu em mim uma coisa que não entendia. Depois descobri que era uma mistura de música com letra. Isso fazer, mas me faltou a potência, não sabia como. Estava nascendo o compositor popular.

**Ivo** — O que você acha da atual música baiana?

**Caymmi** — Não acredito em coisas que nascem por moda.

**Albino** — Lembrando de sua pintura, Rubem Braga, que foi muito retratado,

porque tinha muitos amigos artistas plásticos, dizia que o retrato que ele mais gostava era o feito por você.

**Caymmi** — Ele encabulou inclusive a mim mesmo. O quadro está com a família dele. Foi um retrato que fiz rapidamente, e o Braga disse: "Tenho um olho assim mesmo, meio errado". Botei como fundo uma visão da Praia de Ipanema autêntica, que não existe mais.

**Jaguar** — Você demora mais fazendo um quadro ou compondo uma música?

**Caymmi** — A pintura não, mas desenho no colégio. Tinha letra muito boa.

Um colega, filho do dono do Cinema Jandaia, pediu para eu fazer o trabalho em troca de ingressos para a matinê. Aos 10, 11 anos, vi que tinha um desenho muito bom. Mas a música já estava em volta de mim por causa do violão de papai, do bandolim, do piano... A pintura veio depois, nos anos 40.

**JB** — E a música, quando entrou na sua vida?

**Caymmi** — Ouvindo o gramofone da casa de um vizinho rico. Já a inspiração nasceu com uma menina de colégio, chamada Irlanda, que provocou em mim uma coisa como ejaculação espontânea, que sai e não dá para segurar. E ela apareceu e ri. Surgiu em mim uma coisa que não entendia. Depois descobri que era uma mistura de música com letra. Isso fazer, mas me faltou a potência, não sabia como. Estava nascendo o compositor popular.

**Ivo** — O que você acha da atual música baiana?

**Caymmi** — Não acredito em coisas que nascem por moda.

**Albino** — Lembrando de sua pintura, Rubem Braga, que foi muito retratado,

porque tinha muitos amigos artistas plásticos, dizia que o retrato que ele mais gostava era o feito por você.

**Caymmi** — Ele encabulou inclusive a mim mesmo. O quadro está com a família dele. Foi um retrato que fiz rapidamente, e o Braga disse: "Tenho um olho assim mesmo, meio errado". Botei como fundo uma visão da Praia de Ipanema autêntica, que não existe mais.

**Jaguar** — Você demora mais fazendo um quadro ou compondo uma música?

**Caymmi** — A pintura não, mas desenho no colégio. Tinha letra muito boa.

Um colega, filho do dono do Cinema Jandaia, pediu para eu fazer o trabalho em troca de ingressos para a matinê. Aos 10, 11 anos, vi que tinha um desenho muito bom. Mas a música já estava em volta de mim por causa do violão de papai, do bandolim, do piano... A pintura veio depois, nos anos 40.

**JB** — E a música, quando entrou na sua vida?

**Caymmi** — Ouvindo o gramofone da casa de um vizinho rico. Já a inspiração nasceu com uma menina de colégio, chamada Irlanda, que provocou em mim uma coisa como ejaculação espontânea, que sai e não dá para segurar. E ela apareceu e ri. Surgiu em mim uma coisa que não entendia. Depois descobri que era uma mistura de música com letra. Isso fazer, mas me faltou a potência, não sabia como. Estava nascendo o compositor popular.

**Ivo** — O que você acha da atual música baiana?

**Caymmi** — Não acredito em coisas que nascem por moda.

que você compôs *Dora* depois de uma noite da daquelas."

**Alceu Valença**

que você compôs *Dora* depois de uma noite da daquelas. É verdade essa lenda? **Caymmi** — Sabe como saiu? Estava no Ceará com Stella. Nama estava com cinco meses no Rio. Depois pegaramos um navio de volta para o Rio. Mas assumi um compromisso em Recife, sem contar que a II Guerra não dava boas condições de viajar. Sempre a preferência era para militares. Paramos em Recife e ficamos no mesmo hotel onde a mãe de Fernando Lobo se hospedava. A noite, depois que Stella tinha partido, fiquei sozinho. Estava com muitas saudades e não conseguia ficar no mesmo quarto. Por isso resolvi trocar de hotel. Mas quando cheguei no outro hotel, não havia vaga. Pedi para guardarem minha maleta e voltei ao bar onde tomei conhaque, e esperei que me chamassem quando vagasse um quarto. Sentei com o violão no muro, em frente ao mar, quando vi um bloco pré-cariacense desfilando. Nesse grupo, tinha uma mulata linda, que ia dançando sobre os trilhos. Comecei a tocar violão e a

compor *Dora* ali. Quando o rapaz do hotel foi me chamar para ocupar meu quarto, já tinha feito: "Dora, rainha do frevo e do maracatu". Escrevi isso no verso de uma nota de bar e aí encontrei o "rainha caifura". De Recife consegui ir para Alagoas. Lá chegando, perguntei à pessoa que tinha me recebido a que horas seria o show do dia seguinte, e ela disse que era naquele mesmo dia. Mas não estava anunciado, não se falou em dinheiro, em nada. Foi no teatro e o menino que abria a cortina me disse: "Na plateia está o crítico Lavener". Tinha cinco ou seis pessoas apenas e o crítico. Imagina, se eu não andasse direto, ele sentava a caneta. Cantei o que pude, sem a menor graça. Com seis pessoas não dá para aplaudir nada. No dia seguinte apareceu um anjo, um locutor da Rádio Nacional que tinha ido ver o pai moribundo. Ele correu a praça, arranjou anunciantes para uma matinê, cheia de estudantes que renderam um monte de dinheiro. Uma semana depois embarquei para a Bahia onde fiquei um mês. *Dora* cresceu nessa viagem e chegou pronta a São José. Dois meses depois. **Sérgio Cabral** — Qual a música que levou mais tempo para ficar pronta?

**Caymmi** — Eu comecei a fazer *João Valentão* em Carapeba, inspirado num pescador amigo meu. Saía de manhã cedo, só voltava às 5 horas da tarde. Pensei em certas coisas que ele fazia, aquele homem ativo que eu vi durante o dia. Comecei a história de João Valentão com ele. O João valentão baixou, "João Valentão é brigão, pra dar bofetão...". Foi colando, fazendo o perfil dele contra a luz, mas achei melhor deixar para terminar no dia seguinte. Nisso se passaram nove anos. Num certo dia, sai tarde da Mayrink Veiga com a Araci de Almeida. Entramos juntos no ônibus para o Grajaú e vi pensando numa coisa bastante vaga e, de repente, a Araci me acordou: "Caymmi, está falando com você?". Nesse momento veio na cabeça: "e assim adormece na palma da mão, e nunca precisa dormir...". Cheguei em casa rindo e Stella, que estava acordada, não entendeu nada.

**Caymmi** — Cheguei a ter o volume de barriga perfeitamente matemático. O Antônio engordou muito, e eu dizia, para amedrontar, que ele poderia ter gota. Disse que ele tinha que diminuir aquela barriga, mas ele comia bem, e não sabia beber. A Lilita tentava segurar ele, e o trazia num regime cortado. Ele ficava na máquina, escrevendo, querendo ir para a cozinha, mas todo mundo controlava. De repente, ele fugia e ia lá para casa, com a convicção

de Stella, minha mulher, abria a geladeira e pegava aquele feijão de ontem, gelado, e comia frio mesmo, como se fosse uma sopa dos deuses... O Maria era aquilo que a gente sabia que não havia dinheiro para isso. Um dia Baby Pignatari disse, no Sachas, ao vê-lo: "Já entra crioulo aqui?". Era uma rusga antiga. Ele foi para o Baby Pignatari para matar. Bateu o pernambucano nele. Ali levantou o Carlos Boboca, que era leão de chácara do Baby, que pegou o Maria. Eles ficaram brigando mais de meia hora na rua. Foi cômico. Mas o Maria, depois de um certo tempo, foi obrigado a fazer regime mesmo. Mas aí já era um Antônio Maria diferente. Ele foi ficando mais magro, deixou de ser espirituoso, ficou de cara amarrada. Era um sujeito que ia morrer.

**Jaguar** — E a turma do Bar do Caixote, como era?

**Cabral** — Na esquina de Francisco Sá com Bulhões de Carvalho.

**Caymmi** — Exatamente. O Radamés ia muito lá. O Careca fiava a despesa e ainda perguntava ao cliente, quando era do peito, tipo o Rubem Braga: "Tás com cara de quem está duro. Queres levar algum?". E passava o dinheiro. Ele nunca levou porrete de ninguém. O sujeito sempre voltava e pagava. Foi na época em que surgiu o Mansion House, primeiro usque nacional que dominou o mercado.

**Cabral** — Quem era a turma que ia lá?

**Caymmi** — Antônio Maria, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Luis Jatobá, Fernando Lobo, que não gostava muito de ficar em pé. Mas isso no Bom Marchê. De passagem às vezes aparecia o Lúcio Rangell.

**JB** — Você que viveu esse Brasil gostoso, amador, Caymmi, como vê o país hoje, que o Tom diz ser um Brasil para Ostras por Minas Gerais?

**Caymmi** — Cheguei em Rio das Ostras em 1971, por causa de um irmão de Stella. Havia muita camaradagem entre os moradores da rua Nova Friburgo com a São José. Estava gostando de aquele princípio. Os netos pequenos... Mas a cidade foi crescendo e o negócio ficou meio esquisito, faltando muita água, como sempre. Não é que não goste de Rio das Ostras, mas já não há mais condição para o verão, por causa dos faroleiros. Mas não dá para fugir de lá, no inverno é bom ficar lá um pedaço.

**Cabral** — Caymmi, fala um pouco do Antônio Maria.

**Caymmi** — Ele chegou a ter o volume de barriga perfeitamente matemático. O Antônio engordou muito, e eu dizia, para amedrontar, que ele poderia ter gota. Disse que ele tinha que diminuir aquela barriga, mas ele comia bem, e não sabia beber. A Lilita tentava segurar ele, e o trazia num regime cortado. Ele ficava na máquina, escrevendo, querendo ir para a cozinha, mas todo mundo controlava. De repente, ele fugia e ia lá para casa, com a convicção

de Stella, minha mulher, abria a geladeira e pegava aquele feijão de ontem, gelado, e comia frio mesmo, como se fosse uma sopa dos deuses... O Maria era aquilo que a gente sabia que não havia dinheiro para isso. Um dia Baby Pignatari disse, no Sachas, ao vê-lo: "Já entra crioulo aqui?". Era uma rusga antiga. Ele foi para o Baby Pignatari para matar. Bateu o pernambucano nele. Ali levantou o Carlos Boboca, que era leão de chácara do Baby, que pegou o Maria. Eles ficaram brigando mais de meia hora na rua. Foi cômico. Mas o Maria, depois de um certo tempo, foi obrigado a fazer regime mesmo. Mas aí já era um Antônio Maria diferente. Ele foi ficando mais magro, deixou de ser espirituoso, ficou de cara amarrada. Era um sujeito que ia morrer.

**Jaguar** — E a turma do Bar do Caixote, como era?

**Cabral** — Na esquina de Francisco Sá com Bulhões de Carvalho.

que você compôs *Dora* depois de uma noite da daquelas."

**Alceu Valença**

que você compôs *Dora* depois de uma noite da daquelas. É verdade essa lenda? **Caymmi** — Sabe como saiu? Estava no Ceará com Stella. Nama estava com cinco meses no Rio. Depois pegaramos um navio de volta para o Rio. Mas assumi um compromisso em Recife, sem contar que a II Guerra não dava boas condições de viajar. Sempre a preferência era para militares. Paramos em Recife e ficamos no mesmo hotel onde a mãe de Fernando Lobo se hospedava. A noite, depois que Stella tinha partido, fiquei sozinho. Estava com muitas saudades e não conseguia ficar no mesmo quarto. Por isso resolvi trocar de hotel. Mas quando cheguei no outro hotel, não havia vaga. Pedi para guardarem minha maleta e voltei ao bar onde tomei conhaque, e esperei que me chamassem quando vagasse um quarto. Sentei com o violão no muro, em frente ao mar, quando vi um bloco pré-cariacense desfilando. Nesse grupo, tinha uma mulata linda, que ia dançando sobre os trilhos. Comecei a tocar violão e a

compor *Dora* ali. Quando o rapaz do hotel foi me chamar para ocupar meu quarto, já tinha feito: "Dora, rainha do frevo e do maracatu". Escrevi isso no verso de uma nota de bar e aí encontrei o "rainha caifura". De Recife consegui ir para Alagoas. Lá chegando, perguntei à pessoa que tinha me recebido a que horas seria o show do dia seguinte, e ela disse que era naquele mesmo dia. Mas não estava anunciado, não se falou em dinheiro, em nada. Foi no teatro e o menino que abria a cortina me disse: "Na plateia está o crítico Lavener". Tinha cinco ou seis pessoas apenas e o crítico. Imagina, se eu não andasse direto, ele sentava a caneta. Cantei o que pude, sem a menor graça. Com seis pessoas não dá para aplaudir nada. No dia seguinte apareceu um anjo, um locutor da Rádio Nacional que tinha ido ver o pai moribundo. Ele correu a praça, arranjou anunciantes para uma matinê, cheia de estudantes que renderam um monte de dinheiro. Uma semana depois embarquei para a Bahia onde fiquei um mês. *Dora* cresceu nessa viagem e chegou pronta a São José. Dois meses depois. **Sérgio Cabral** — Qual a música que levou mais tempo para ficar pronta?

**Caymmi** — Eu comecei a fazer *João Valentão* em Carapeba, inspirado num pescador amigo meu. Saía de manhã cedo, só voltava às 5 horas da tarde. Pensei em certas coisas que ele fazia, aquele homem ativo que eu vi durante o dia. Comecei a história de João Valentão com ele. O João valentão baixou, "João Valentão é brigão, pra dar bofetão...". Foi colando, fazendo o perfil dele contra a luz, mas achei melhor deixar para terminar no dia seguinte. Nisso se passaram nove anos. Num certo dia, sai tarde da Mayrink Veiga com a Araci de Almeida. Entramos juntos no ônibus para o Grajaú e vi pensando numa coisa bastante vaga e, de repente, a Araci me acordou: "Caymmi, está falando com você?". Nesse momento veio na cabeça: "e assim adormece na palma da mão, e nunca precisa dormir...". Cheguei em casa rindo e Stella, que estava acordada, não entendeu nada.

**Caymmi** — Cheguei a ter o volume de barriga perfeitamente matemático. O Antônio engordou muito, e eu dizia, para amedrontar, que ele poderia ter gota. Disse que ele tinha que diminuir aquela barriga, mas ele comia bem, e não sabia beber. A Lilita tentava segurar ele, e o trazia num regime cortado. Ele ficava na máquina, escrevendo, querendo ir para a cozinha, mas todo mundo controlava. De repente, ele fugia e ia lá para casa, com a convicção

de Stella, minha mulher, abria a geladeira e pegava aquele feijão de ontem, gelado, e comia frio mesmo, como se fosse uma sopa dos deuses... O Maria era aquilo que a gente sabia que não havia dinheiro para isso. Um dia Baby Pignatari disse, no Sachas, ao vê-lo: "Já entra crioulo aqui?". Era uma rusga antiga. Ele foi para o Baby Pignatari para matar. Bateu o pernambucano nele. Ali levantou o Carlos Boboca, que era leão de chácara do Baby, que pegou o Maria. Eles ficaram brigando mais de meia hora na rua. Foi cômico. Mas o Maria, depois de um certo tempo, foi obrigado a fazer regime mesmo. Mas aí já era um Antônio Maria diferente. Ele foi ficando mais magro, deixou de ser espirituoso, ficou de cara amarrada. Era um sujeito que ia morrer.

**Jaguar** — E a turma do Bar do Caixote, como era?

**Cabral** — Na esquina de Francisco Sá com Bulhões de Carvalho.

**Caymmi** — Exatamente. O Radamés ia muito lá. O Careca fiava a despesa e ainda perguntava ao cliente, quando era do peito, tipo o Rubem Braga: "Tás com cara de quem está duro. Queres levar algum?". E passava o dinheiro. Ele nunca levou porrete de ninguém. O sujeito sempre voltava e pagava. Foi na época em que surgiu o Mansion House, primeiro usque nacional que dominou o mercado.

**Cabral** — Quem era a turma que ia lá?

**Caymmi** — Antônio Maria, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Luis Jatobá, Fernando Lobo, que não gostava muito de ficar em pé. Mas isso no Bom Marchê. De passagem às vezes aparecia o Lúcio Rangell.

**JB** — Você que viveu esse Brasil gostoso, amador, Caymmi, como vê o país hoje, que o Tom diz ser um Brasil para Ostras por Minas Gerais?

**Caymmi** — Cheguei em Rio das Ostras em 1971, por causa de um irmão de Stella. Havia muita camaradagem entre os moradores da rua Nova Friburgo com a São José. Estava gostando de aquele princípio. Os netos pequenos... Mas a cidade foi crescendo e o negócio ficou meio esquisito, faltando muita água, como sempre. Não é que não goste de Rio das Ostras, mas já não há mais condição para o verão, por causa dos faroleiros. Mas não dá para fugir de lá, no inverno é bom ficar lá um pedaço.

# 80

## anos de DORIVAL CAYMMI

■ **1972**  
Lança um disco com *Oração a Mãe Menininha*. Recebe a Comenda da Ordem de Rio Branco. Compra uma casa em Rio das Ostras.  
"Naquela época, Rio das Ostras era ótimo. Hoje, no verão, não dá mais para ir, sempre falta água e a praia está cheia de farsiteiros."

■ **1975**  
Nascem os netos João Vítor, filho de Dori, e Juliana, filha de Danilo.

■ **1978**  
Nasce Gabriel, filho de Danilo.



■ **1983**  
No ano em que Nelson Piquet (foto) é bicampeão de Fórmula 1, participa da série de shows *Bahia de Todos os Santos*, em Roma. É consagrado com o Prêmio Shell.

■ **1984**  
Completa 70 anos e recebe, na França, a Comenda *Ordre des Arts et des Lettres de France*. "Só com 70 anos comecei a perceber a importância da minha obra".



■ **1985**  
No ano em que Tancredo Neves (foto) é eleito, é inaugurada a Avenida Dorival Caymmi, em Salvador.

■ **1986**  
Lançado o disco *Caymmi's grandes amigos*, de Nana, Dori e Danilo.

■ **1987**  
A família Caymmi se reúne para uma temporada no Scala, no Rio.

■ **1991**  
Se apresenta com a família em Montreux, na Suíça.

■ **1993**  
Lançado, em quatro CDs, o *Songbook* com 82 canções de Caymmi, indicado para o Prêmio Sharp de melhor disco do ano.

■ **1994**  
Completa 80 anos. "As homenagens estão me tomando tanto tempo que juro que nunca mais faço 80 anos de novo".

# OS TRÊS AMIGOS OBÁS

## Carybé e Jorge Amado são os companheiros fiéis até no candomblé

SALVADOR — Quando Dorival Caymmi trocou Salvador pelo Rio, em 1937, deixou para trás muitos amigos, mas o escritor Jorge Amado e o pintor Carybé são os mais íntimos e frequentes, formando com o compositor o trio que até hoje melhor interpretou os costumes e paisagens da Bahia. Jorge Amado e Carybé se divertem quando lembram dos inúmeros casos que viveram ao lado de Caymmi. Apesar da distância, os três obás (ministros de Xangô) do candomblé de Mãe Estela, do terreiro Axé Opo Ofonjá, sempre se falam por telefone. As conversas são tão animadas quanto as do tempo em que frequentavam o bar do Camafeu de Oxóssi, no Mercado Modelo, ou o bar do Hotel da Bahia.

Jorge Amado nem se lembra mais como conheceu Caymmi. "Acho que foi quando nasci", brinca. Depois de tantos anos de convivência, as semelhanças extrapolaram o gosto pelas artes. Em várias ocasiões, Jorge Amado foi confundido com Caymmi e sempre se divertiu com isso. Numa foto que Zelia Gattai, mulher do escritor, tirou dos dois certa vez em Copacabana, as semelhanças físicas mereceram a crítica de Caymmi: "Parecemos dois v... velhos". Enquanto isto, na política os dois tomaram caminhos diferentes. Caymmi preferiu ficar apenas como simpatizante do Partido Comunista; Jorge Amado mergulhou de cabeça.

O único envolvimento de Caymmi com a política foi em 1945,

quando compôs a *Marcha eleitoral* para a campanha de Prestes. Naquele ano, o Partido Comunista tornava-se legal pela primeira vez, e Jorge Amado, ainda solteiro, participava com Zelia Gattai da campanha cantando a marchinha. "Ai Maria. Ai Maria/ Vamos votar/ Ai vamos votar no PC/ Vamos votar, vamos votar/ Com Prestes vamos votar/ Para todos terem terra/ e o pão de cada dia/ Para o povo liberdade/ Para o Brasil democracia/ Ordem e tranqüilidade/ Progresso e democracia/ Para o povo igualdade/ O partido é o nosso guia."

Quando Caymmi casou com Stella, convidou o jornalista Samuel Wainer e Jorge Amado para padrinhos. No altar, os dois amigos cochichavam muito. "Samuel perguntava se eu achava que ela era virgem. Então respondi: 'Eu duvido'", revela hoje Jorge Amado. Dessa intimidade nasceu naturalmente a parceria em algumas canções. A primeira foi *É doce morrer no mar*, depois vieram *O canto de obá*, *Cantiga de cego* e *Falsa*, com letra de Jorge Amado e Carlos Lacerda. "Quando eu escrevia *Tereza Batista*, Caymmi chegou lá em casa, leu os originais e compôs na hora o *Rondô de Tereza Batista*."

A participação de Carybé ficou na ilustração dos livros de Jorge Amado e nas trocas de quadros com Caymmi. "Trocamos muitas pinturas. Quando faço quadros de pescadores, lembro logo de Caymmi. Às vezes trabalho cantando suas músicas", conta Carybé.



Amado com Caymmi em Copacabana: até hoje a pose, diverte o compositor



Carybé (à direita): amizade em longas conversas

PAI DE JOÃO GILBERTO,  
CAETANO VELOSO E  
GILBERTO GIL TEM UM FILHO  
DE DEZ ANOS.



### DORIVAL CAYMMI 80 ANOS TROFÉU CAYMMI 10 ANOS

Caymmi é o pai musical de muita gente. Mas o reconhecimento dessa paternidade, no caso de João Gilberto, Caetano Veloso e Gilberto Gil, parte dos próprios filhos. Na Bahia existe um filho mais novo que agora completa dez anos e foi batizado pelo próprio Dorival de TROFÉU CAYMMI, que se reproduz em muitos e muitos novos talentos. O TROFÉU CAYMMI foi criado pela COPENE há dez anos para descobrir, promover e revelar o que é que a música baiana tem. E já revelou nomes como Daniela Mercury, Margareth Menezes, Gerônimo, Edson Gomes, entre tantos. O reconhecimento e a própria evolução da música baiana nos últimos anos mostra que a vocação básica desta premiação foi cumprida. Ser premiado pelo TROFÉU CAYMMI passou a significar estar entre os melhores da música na Bahia.

Há quem diga que o segredo de tanto sucesso vem de quem o inspirou. Mas também com um pai como esse...

TROFÉU CAYMMI 10 ANOS  
Homenagem aos 80 anos de Dorival Caymmi



**RESTAURANTE BICHO PAPÃO**  
Especializado em fruto do mar  
Tranquilo - aconchegante - seguro  
parque infantil.  
JURUJUBA NITERÓI — Reservas: 711-0055 / 2444

**Sergio D'Auria**  
JOALHEIROS  
**PROMOÇÃO IPANEMA 100 ANOS**  
OURO 18 KT A PARTIR DE 25 URV's P/ GRAMA  
À VISTA = 3 x URV  
SHOW ROOM  
Visconde de Pirajá, 487-A — Tel.: 511-3092 — Ipanema

**MAUHAUS** TECIDOS  
**GRANDE PROMOÇÃO**  
Algodão, chintz e jaquar  
a partir de 6.000,00  
Rua Redentor, 175 - Esq. Garcia D'Ávila

**MARQUE O SEU GOL NESTA COPA. VÁ AOS ESTADOS UNIDOS FALANDO INGLÊS.**  
**INTENSIVÃO**  
1 Semestre em 1 Mes  
PREÇOS PROMOCIONAIS  
**INGLÊS**  
FRANCÊS • ALEMÃO  
ITALIANO • ESPANHOL  
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS  
**ASSISTA UMA AULA GRÁTIS**  
Centro: 262-5316 Flamengo: 225-1676 Gávea: 274-8922 Ilha: 393-6270 Ipanema: 247-1480 Niterói: 719-4657 Méier: 592-1523 Tijuca: 228-2681 Piratininga: 709-2156

**JB** Apresenta **MUSIC AMERICANA**  
**Turibio Santos & Guinga**  
Hoje às 23h  
Reservas = 541-9046

**Fernandes**  
Serviço de Aluguel p/ Festa  
tel.: 295-0993

**Viagem**  
4ª-feira no seu JB

Caderno **Idéias** LIVROS

SÁBADO no seu JB



# RODA DE BAIANOS

## O ídolo encontra os fãs Gil e Caetano

Inacreditável! Três baianos chegando pontualmente a um encontro. Só mesmo a figura idolatrada de Dorival Caymmi para operar tal milagre. A reunião memorável promovida pelo JORNAL DO BRASIL

entre o mestre e seus discípulos Gilberto Gil e Caetano Veloso aconteceu na Pérgula do Copacabana Palace — um lugar de velhas e boas recordações para Caymmi. O trio de compositores baianos bateu um longo e animado papo. “As conversas com Caymmi são ininterruptamente maravilhosas. Uma das coisas mais impressionantes é ver um ídolo de infância crescer junto com você”, exultava Caetano.

Olavo Rufino



Caymmi abraça seus fãs Caetano e Gilberto Gil: três horas de conversa sobre música, baianidade, religião e mulheres

O papo começou devagar, mas sempre com muito bom humor. “Pra mim já chega de elogios”, divertia-se Caymmi. Caetano e Gil começaram, então, a falar da presença de Dorival em suas infâncias na Bahia. “Ele é como se fosse meu habitat natural, o meio onde vim ao mundo”, disse Caetano. “Com ele tive meu primeiro encontro com uma música que era o retrato de uma cidade. Antes ela era uma coisa abstrata, etérea, e essa visceralidade quem me trouxe foi a música de Caymmi”, explicou Gil.

Com três figuras desse naipe na mesma mesa, eram esperadas interrupções de fãs. Uma senhora,

que tomava chá com um grupo de amigas, não se conteve e acabou se aproximando, exaltada, para pedir autógrafos, o que acabou assustando um pouco o trio. Mas a presença feminina, como sempre, despertou interessantes comentários de Caymmi. “Ah, mulher! Falando assim parece que sou um devasso. Mas é apenas um estado de espírito. Já foi estado de outra coisa, porém. A mulher é a roda da vida. É ela que bota o negócio para funcionar”, filosofava o velho baiano de cabelos brancos.

Mas Gil e Caetano tinham perguntas a fazer para Caymmi que pareciam estar guardadas no coração há muitos anos. “Você e sua música, por serem baianos, sofreram alguma espécie de preconceito ou causaram estranheza aqui no Rio, mesmo quando você fez os samba-canções cariocas?”, indagou Caetano. “Tocava um violão diferente. Todos diziam que não estava dentro do padrão e me per-

guntavam se eu tinha aprendido aquilo na Bahia. Mas sempre fui bem recebido. De cara percebiam que eu não vinha do povão. Estava sempre bem composto e dentro da fórmula familiar de sempre andar limpo, direito e bem comportado. Logo fui cabendo no meio, não fiquei aquela pessoa com cara de saco”, explicou Caymmi.

Mas, com certeza, o que Caetano queria saber era se o mestre tinha passado pelos mesmos problemas que ele quando chegou por aqui. “Já tinha aquela história de que baiano só é homem até o meio dia?”, perguntou curioso. “Isso já tinha lá na Bahia mesmo. Não sei quem inventou”, disse Caymmi, provocando gargalhadas na mesa. Mas o Rio sempre pregou peças nos baianos. “Uma vez me convidaram para ir a uma festa de São

João comer canjica. Quando cheguei lá, era munguzá, e sem leite de coco!”, reclamou Caymmi divertido.

“Seu sotaque hoje tem as vogais mais fechadas, mas na época ele devia ser muito percebido”,

*“A mulher é a roda da vida. É ela que bota o negócio para funcionar”*

Caymmi

insistia Caetano. “Nem tanto. Na minha casa havia muita influência de fora. Não tínhamos uma fala parecida com a de Sinhá Fausta, por exemplo, uma amiga da família de uma baianidade gostosa, desdendente de escravos. Mas uma coisa engraçada, mesmo en-

tre os negros, que tinham uma língua particular, havia gente com sotaque diferente. E ficavam dizendo umas para as outras: ‘ela fala assim porque é tabaroá’”, explicou Caymmi, provocando mais risos.

Este episódio forçou Caymmi a se lembrar de outros ramos de sua família, e um quase parentesco com Gilberto Gil, que foi casado com Nana. “Um Caymmi era muito amigo da família, eu até o chamava de tio”, recordou Gil. “Era o Francisco, que se dava muito bem com papai e insistia com ele para copiar os moldes dos balões de São João que ele fazia”, completou Caymmi.

O assunto já é outro: “O seu sotaque mudou, Caymmi. Demorou muito tempo?”, perguntou Caetano. “Não, em três anos já estava falando como hoje”, admitiu. “É verdade”, concordou Caetano, “o sotaque baiano é que mudou, hoje está muito nordestinizado”. “Pro meu tempo já faz diferença, olha a diferença dele para mim”, divertia-se Gil.

Como o assunto era a Bahia no Rio de Janeiro, foi inevitável a menção de Carmem Miranda, uma portuguesa criada no Rio que ficou famosa vestida de baiana. “Quem foi que lhe apresentou a ela?”, perguntou Gil. Caymmi contou a velha história: Almirante e Braguinha precisavam de uma música sobre a Bahia e pensaram no então jovem e desconhecido Dorival. “Foi uma tramóia que fizeram, me gravaram cantando *O que é que a baiana tem* sem eu saber e mostraram para ela”, revelou Caymmi. “Mas a interpretação da baiana na música, foi ela que achou, não? Ou você deu uma ajuda?”, insistiu Gil. “A música já descrevia tudo, mas no dia da filmagem, eu fiz o ponto para ela, indicando o que ela deveria mostrar nas músicas com gestos. A partir daí, ela percebeu que podia melhorar sua coreografia, e começou a desenvolver algo diferente”, lembrou o velho Algodão. “Foi essa oportunidade que me projetou, agradeço ao Senhor do Bonfim”, disse.

Com a simples menção do santo, os três baianos não resistiram, e cantaram juntos a *Oração do Senhor do Bonfim*, gravada pela primeira vez no histórico disco *Tropicália*. Emoção na mesa. “Depois disso, todo ano tenho que ir a Salvador para cantá-lo no carnaval”, contou Caetano. “É uma obrigação com o Santo”, completou Gil, divertindo ainda mais o ambiente e admitindo que o hino se profanizou. “Mas a índole do nosso povo admite, não desrespeita”, opinou Caymmi. “A praça pára na hora”, explicou rapidamente Caetano.

Senhor do Bonfim foi a deixa que os três precisavam para começar a falar de assuntos espirituais e candomblé. “Como foi, desde a sua infância, a percepção da divindade?”, interessou-se Gil. “Fui educado no catolicismo. Mas descobri o candomblé pela malandragem de papai. Certa vez, ele tinha sumido de casa. Vi ele dançando numa festa, de lenço no pescoço, chapéu chile de banda, sambandê e fazendo um corta-jaca. Ai comecei a descobrir aquele estilo festivo. Fui encontrando o candomblé por causa das festas. Comia meu caruru, tomava aluá... Os candomblés também serviam, na época, para esconder presos políticos. E espiando, descobri que aquilo estava muito ligado à natureza, algo muito próximo de mim, e me apaixonei”, revelou Caymmi.

As tradições religiosas baianas deram muitos outros assuntos durante o encontro. Festas de São João, cultos familiares e procissões pelas ruas são recordações comuns aos três. “Mãe era muito religiosa. No mês de Maria e mês de Santo Antônio tinha reza

*“Tr todo ano a Salvador cantar a ‘Oração do Senhor do Bonfim’ é uma obrigação com o Santo.”*

Gil

todo dia lá em casa”, contou Caymmi. “Na minha casa, era no mês de São José”, contou Caetano, que, como na família de Gil e Caymmi, conviveu em casa com os famosos quartos de santo. “Pena que a especulação imobiliária acabou com essa tradição”, lamentou Caetano.

O trio falou de muitos outros assuntos. Bossa nova, Tom Jobim, João Gilberto, música cubana e até búlgara. E, sempre que podiam, arranjavam um jeito de cantarolar, ou até mesmo um espaço para contar piadas.

Depois de três horas de muita conversa, os três baianos se despediram carinhosamente. Levaram para casa recordações do mais alto significado. Antes de partirem, porém, e depois de Caymmi recordar boas aventuras vividas ali mesmo no Copacabana Palace com o velho amigo e parceiro Carlinhos Guinle, o mestre deu a sua receita para compor obras-primas: “Deve acontecer com vocês, que também são cantores e compositores. Primeiro, você vê a canção com os olhos próprios que temos para isso. As canções vão nascendo, de boca calada. Tenta encontrar uma letra, e ela já vem encostada na música. Não que a canção seja visual, é que são olhos de ouvir e sentir”, revelou o segredo.

*“O Caymmi é como se fosse meu habitat natural, o meio onde vim ao mundo”*

Caetano

## Herança na MPB

gerações de músicos brasileiros cresceram e se desenvolveram sob a influência das canções de Dorival Caymmi, que aos 80 anos é uma das poucas unanimidades da MPB. “Ele não puxa o sôco da canção. O negócio vem pronto. Às vezes pode corrigir uma palavrinha ou outra, mas os retoques são mínimos”, elogia Tom Jobim.

Entre os músicos baianos, a presença de Caymmi é ainda mais forte. “Ele é como se fosse meu pai”, define Gal Costa. “O sucesso dele estimulou todo mundo. O primeiro grande show que vi na vida foi dele, em Salvador, junto com Caetano. Depois da apresentação, ele ficou conversando com a gente”, recorda Gal, que depois gravou canções de Dorival e fez um show junto com o mestre.

Moraes Moreira, que fez com Caymmi um show beneficente em 1983, no Teatro Clara Nunes, é outro admirador incondicional. “Ele é uma referência fortíssima em meu trabalho”, confessa Moraes, que gravou *Samba da minha*



Gal sobre o antigo ídolo: “Ele é como se fosse meu pai”

terra no tempo dos Novos Baianos. “Ele é um santo baiano, um grande Xangô”, elogia.

Cynara, do Quarteto em Cy, acompanhou Caymmi em seu memorável show com Vinícius de Moraes na boate Zum-Zum, em Copacabana, em 1964. “Ele era um garotão brincalhão de olhar brejeiro. Riamos sem parar”, lembra.

João Bosco, admite ainda influências mais profundas da música de Caymmi em sua obra. “Ele sempre foi voz e violão, e isso marcou bastante uma série de

músicos, e a mim mais profundamente ainda”, garante. “O dia em que o conheci pessoalmente foi de uma alegria radiante. Fui levado à casa dele por uma amiga em comum, e fiquei tocando para ele a tarde inteira”, relembra. “Quantas canções de Caymmi não cantei para convencer as garotas de que eu era o melhor caminho”, conta.

Jards Macalé, outro discípulo da voz e violão, conheceu Caymmi de uma forma diferente. “Era amigo de Dori e ia na casa dele ouvir discos”, lembra. “Hoje tenho influência do violão de Dori-

val, um violão sujo, informal, mas ultra-sofisticado”, explica.

Os jovens compositores baianos, como Daniela Mercury, Carlinhos Brown e Gerônimo, se ressentem de uma maior convivência com Caymmi. “Eu precisava conviver com ele para aprender um pouco sobre sua preguiça”, revela Daniela Mercury, que coleciona todos os discos do mestre e foi convidada por Danilo Caymmi para participar do disco que comemora os 80 anos do pai. Ela interpreta *Oração de Mãe Menininha*.

Mas a única vez que Daniela Mercury esteve pessoalmente com Dorival Caymmi foi no ano passado, na festa de comemoração dos 80 anos de Jorge Amado, no Pelourinho. Neste dia, ela participou de uma roda formada por Caymmi, Caetano, Gil e Jorge Amado. Sabendo do início da carreira de Daniela em cima dos trios elétricos, o compositor lembrou quando tocava na *fibuca* de Dodô e Osmar — que deu origem ao som eletrizante dos trios. “Temos que dar um jeito de amplificar esse violão. Precisamos furá-lo”, dizia Dodô na época, olhando agoniado para Caymmi. A ideia foi logo abandonada pela sua reação indignada: “O meu violão ninguém fura”.

## Músicos da bossa nova admitem a contribuição

Além das modas praieiras da Bahia, Dorival Caymmi compôs uma série de obras-primas do samba-canção. Coisas como *Marina*, *Sábado em Copacabana* e *Só Louco*, que, com harmonias ousadas, anteciparam e influenciaram a bossa nova no final dos anos 50. “A turma me procurava e talvez tenha bebido um pouco do que fiz. Acho que foi a maneira como alterei o acompanhamento do violão”, admite Caymmi, que viu de perto o nascimento do gênero.

Severino Filho, do grupo Os Cariocas, cantava Caymmi antes da bossa nova estourar. “A música dele se prestava para a execução de harmonias modernas dentro da mesma linha melódica”, relembra. “Ele facilitava que o arranjador da bossa nova fizesse uma harmonia mais atualizada”, explica. “Depois, foi só mudar o ritmo, a batida”, concluiu.

“A combinação de letra e harmonia numa música simples e bonita é moderna até hoje”, analisa João Donato. Para o compositor Carlos Lyra, os sambas-canção de Caymmi eram como os boleros da

bossa nova. “Ele era uma das grandes medidas anteriores à minha geração. Mas tivemos que romper com ele para ir adiante, como o garoto que enfrenta o pai para ter sua própria identidade”, diz Lyra, admite, porém, que o início de sua carreira “tinha tudo a ver com Caymmi, principalmente o coloquialismo suave e romântico”. Só depois de ter encontrado seu próprio caminho musical, é que Lyra, foi conhecer o mestre. “Me encontrei com ele em bares, na casa de Tom e de outros amigos. Ele é um paizão e sabe de tudo”, diz.

Roberto Menescal, que acompanhou Caymmi e Vinícius no famoso show da boate Zum-Zum, também bebeu do mestre. “Aprendi violão, tocando as músicas dele, mas não escutava nada de Caymmi em rádio ou em disco, porque eu só queria ouvir coisas novas. Confesso que tinha um certo preconceito em relação a ele, mas quando conheci os sambas-canção por intermédio de Lúcio Alves e Dick Farney, descobri suas harmonias modernas e fiquei louco”, conta.